

Xica Manicongo: 1ª Travesti do Brasil © 2024

Luiz Mott, Prof.Titular de Antropologia Ap. Ufba – Fundador do Grupo Gay da Bahia



Natural do Reino do Congo, escravizada na Bahia, Xica Manicongo foi denunciada à Inquisição Portuguesa em 1591, de “servir de mulher no pecado nefando e recusar vestido de homem”. É considerada a primeira trans do Brasil.

Quando da Primeira Visitação do Santo Ofício da Inquisição à Bahia, o português Matias Moreira, cristão-velho de Lisboa, denunciou que **Francisco Manicongo**, escravo de Antônio Pires, sapateiro, morador abaixo da Misericórdia de Salvador, “tem fama entre os negros desta cidade que é sodomita depois de ouvir esta fama, viu ele com um pano cingido, assim como na sua terra do Congo trazem os sodomitas. Mais disse que ele denunciante sabe que em Angola e

Congo, nas quais terras tem andado muito tempo e tem muita experiência delas, é costume entre os negros gentios trazerem um pano cingido com as pontas por diante, que lhe fica fazendo uma abertura diante, os negros sodomitas que no pecado nefando servem de mulheres pacientes, aos quais chamam na língua de Angola e Congo **quimbanda**, que quer dizer somítigos pacientes”. E tendo o dito denunciante visto ao cativo Manicongo trazer a veste dos quimbandas “logo o repreendeu também porque não trazia o vestido de homem que lhe dava seu senhor, dizendo-lhe que em ele não querer trazer o vestido de homem mostrava ser sodomita, pois também trazia o dito pano do dito modo. E depois o tornou ainda duas ou três vezes a ver nesta cidade com o dito pano cingido e o tornou a responder que não usava de tal, e já agora anda vestido em vestido de homem.”

Francisco Manicongo, rebatizado em 2010 pela Astra (Associação de Travestis do RJ) com o nome social de **Xica Manicongo**, revive no Novo Mundo a mesma tradição dos quimbanda do Congo e Angola, e certamente já vivenciara no continente negro sua orientação homoerótica, já que é denunciado de “fazer o pecado nefando com outros negros”. Na mesma Visitação da Bahia, em outubro de 1591, é denunciado outro “negro da Guiné” como amante do mesmo sexo: “Joane, filho do gentio de Angola, morador no Rio de Matoim, que no dito pecado usa o ofício de mulher, digo, fêmea”. Ao ser admoestado que sodomia “era caso de os queimarem, o dito Joane respondeu que também Francisco Manicongo fazia o dito pecado com outros negros e que não o queimaram por isso... E que Joane mesmo depois de ter sido preso, tentou seduzir com dádivas a Duarte, 25 anos e outros negros”.

Dois autores italianos confirmam inequivocamente a existência de uma subcultura homoerótica nativa no Reino de Angola nos meados do século XVII: o capuchinho Giovanni Antonio Cavazzi de Montecuccolo (1621-1678) em seus dois volumes *do Istorica Descrizione dé tré Regni, Congo, Matamba et Angola* (1687), diz: “Entre os feiticeiros, um há que não mereceria ser lembrado, se esta omissão não prejudicasse o conhecimento necessário que eu, por meio deste escrito, pretendo dar aos missionários. Chama-se ngangania. quimbanda, ou ‘sacerdote chefe do sacrifício’. Este homem, tudo ao contrário dos sacerdotes do verdadeiro Deus, é moralmente sujo, nojento, impudente, descarado, bestial e de tal modo que entre os moradores da Pentápolis teria o primeiro lugar. Para sinal do papel a que está obrigado pelo seu ministério, veste fato e usa maneiras e porte de mulher, chamando-se também a ‘grande mãe’. Não há lei que o condene como não há ação que não lhe seja permitida. Portanto, fica sempre sem castigo, embora abuse sem embaraço de sua impudência, tão grande é a estima que por ele o demônio inspira! Por isso são julgados favores os mais manifestos ultrajes que ele faz à honra dos casados ou às concubinas dos mais guardados haréns. Este embusteiro distribui, ele também, cinturas para diversos usos supersticiosos. Quando este feiticeiro morre, o mais ancião da seita deve convocar todo o povo para celebrar o seu funeral. Durante a noite, já que esta é propícia para ocultar suas torpezas, devem estar presentes só os inscritos na seita, sendo proibida a presença de outros... Pela autoridade que gozam todos esses naganga, não há jaga, quer capitão na guerra, quer chefe de aldeia em paz, que não procure guardar algum deles consigo, sem o conselho de aprovação do qual não se atreverá a exercer nenhum ato de jurisdição nem a tomar qualquer resolução.”

O segundo relato sobre os quimbandas é do Capitão Antônio de Oliveira Cadornega em sua antológica *História Geral das Guerras Angolanas* (1681). Por ter vivido quarenta anos na África Portuguesa, seu testemunho tem alta credibilidade, além de ser menos moralista que seu conterrâneo capuchinho. Diz ele: "Há entre o gentio de Angola muita sodomia, tendo uns com os outros suas imundícies e sujidades, vestindo como mulheres. Eles chamam pelo nome da terra: quimbandas, os quais, no distrito ou terras onde os há, têm comunicação uns com os outros. E alguns deles são finos feiticeiros para terem tudo mau e todo o mais gentio os respeita e os não ofendem em coisa alguma. E se sucede morrer algum daquela quadrilha, se congregam os mais a lhe vir dar sepultura, e outro nenhum lhe bole, nem chega a ele, salvo os daquela negra e suja profissão. E quando o tiram de casa, para o enterrarem, não é pela porta principal, senão abrem porta por detrás da casa, por onde saem com ele fora, que como se serviu pela do quintal, querem que morto saia também por ela. Esta casta de gente é quem os amortalha e lhe dá sepultura. E não chega outro nenhum a ele como dissemos, que não seja de sua ralé. Andam sempre de barba raspada, que parecem capões, vestindo como mulheres."

Mesmo que se argumentasse tratar de "travestismo ritual", como o praticado em inúmeras sociedades, inclusive nos rituais aos Inquices e Orixás, tanto contemporaneamente, quanto nos relatos sobre os quimbandas, há referência inequívoca que Francisco Manicongo "tinha fama entre os negros desta cidade da Bahia que é somítigo e fazia o dito pecado com outros negros..."

Em 1995 foi fundado em Salvador o Quimbanda-Dudu, Grupo LGBT de afrodescendentes, anexo ao Grupo Gay da Bahia e em 2010 a

ASTRA, Associação de Travestis do Rio de Janeiro rebatizou Francisco Manicongo a com o nome social “Xica Manicongo”, instituindo um troféu em homenagem à primeira transgênero afro das Américas. Em 2025 a Escola de Samba Tuiuti escolheu para o próximo Carnaval como tema enredo “Quem tem medo de Xica Manicongo?” Inspirando-se numa preciosa raridade, a gravura original em nanquim de uma quimbanda pintada pelo citado capuchinho Cavazzi em 1687, o GGB encomendou ao pintor Miguel Galindo, boliviano residente em Feira de Santana, especialista no estilo cusquenho, a reprodução a cores dessa imagem seiscentista, que a partir de agora torna-se o retrato oficial de Xica Manicongo, cuja primeira apresentação pública será realizada no Salão dos Azulejos da Reitoria da Universidade Federal da Bahia no próximo dia 2 de setembro, 2ª feira, a partir das 11hs, como parte da Semana da Diversidade LGBTQ+ 2025.

Fontes:

Cadornega, Antônio de Oliveira. *História Geral das Guerras Angolanas (1681)*. Lisboa, Agência Geral das Colônias, 1942, p.259.

Cavazzi de Montecúcolo, Padre João Antonio. *Descrição Histórica dos três Reinos do Congo, Matamba e Angola (1658)*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1965, Volume I, p. 202-203

Mott, Luiz. *Homossexuais da Bahia. Dicionário Biográfico, Século XVI-XIX*. Salvador, Grupo Gay da Bahia, 1999.

Primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça. Denúncias da Bahia, 1591, Torre do Tombo, folio 128